

A Mulher na Literatura Fantástica: As Dificuldades da Publicação de Fantasia de Autoria Feminina¹

Júlia de Almeida SOUZA²

Maurício de Souza FANFA³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O trabalho analisa o contexto histórico da publicação de autoria feminina na literatura, pensando em um cenário geral para, em seguida, analisar o caráter específico da publicação de literatura fantástica. Expõe-se que a autoria feminina é muito mais criticada e levada em consideração do que o conteúdo, visto que até hoje há um preconceito em relação a livros de fantasia escritos por mulheres. Conclui-se que, mesmo que a fantasia tenha uma abordagem ampla, as publicações fantásticas de mulheres são dificultadas.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura fantástica; Autoria feminina; Fantasia; Gênero.

1. A MULHER E A LITERATURA

A mulher na sociedade ocidental e patriarcal em seu percurso histórico, que persiste até hoje, é vista em uma posição inferior a do homem. Nos séculos passados, a influência e controle sobre as mulheres era mais marcado, sendo ela subserviente e limitada a funções e ações específicas e pré-delimitadas de forma mais impetuosa, ficando limitada a exercer funções que estivessem relacionadas à vida doméstica e familiar. Portanto, escrever não era uma ação esperada e era vista como uma incapacidade feminina, já que seu intelecto era questionado. No campo literário, tais dificuldades fazem-se ainda mais presentes, marcando com preconceito e distinção a produção feminina. O presente trabalho configura-se metodologicamente como um ensaio teórico e objetiva expor um panorama da questão, especialmente quanto ao gênero de literatura fantástica que, por nunca ter se configurado como um gênero dominante, conta com dinâmicas específicas de preconceito de gênero.

¹ Trabalho apresentado na IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 08 a 10 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Comunicação Social - Produção Editorial da UFSM, email: juu.a.souza@outlook.com

³ Orientador do trabalho. Professor Substituto no Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM, email: mauricio.fanfa@ufsm.br.

No século XIX, momento em que a literatura feminina é expandida, o seu espaço no meio literário ainda era muito pequeno e de difícil acesso. Virginia Woolf (2014), autora inglesa que retrata a sua experiência como autora e sua análise do início do século XX, em *Um teto todo seu*, discorre sobre os percalços da mulher para conseguir escrever uma obra literária e publicá-la e conclui que o exercício da escrita pela mulher depende de que ela tenha uma habitação e uma renda totalmente sua, com o mínimo de responsabilidades possíveis, focando totalmente na sua obra. As limitações do patriarcado impedem essa realidade.

Esta obra [*Um teto todo seu*] evidencia as demandas que, de certa forma, se relacionam com a produção escrita de autoria feminina, como, por exemplo, a estabilidade financeira para dar vazão à pena, o acesso à educação, o espaço próprio para sua liberdade criadora. As mulheres inseridas em um contexto patriarcal, desprovidas de recursos financeiros, careceriam de meios viáveis para o exercício da escrita profissional. Na Inglaterra até meados do século XIX, uma mulher não poderia ser a dona de seu próprio dinheiro. (FREITAS, 2021, p. 99)

Além das dificuldades encontradas pelas mulheres para escreverem um livro, se conseguissem a publicação, elas encontravam outro obstáculo: a crítica literária. Os textos não eram considerados pelo seu conteúdo, mas pelo seu contexto autoral, como é o caso de Narcisa Amália, comentado por Freitas (2021, p. 104):

Narcisa Amália era jovem e bonita, logo não deveria escrever sobre ideais sociais, políticos. Existia um lugar autorizado pela crítica para ela, os críticos desqualificavam-na recorrendo a elogios regulados pela aparência pessoal, ignorando o aspecto estético do texto. Desse modo, quiseram transformar a sua escrita em mero passatempo sem nenhuma relação com uma profissão.

Quando se tinha conhecimento de que o autor daquele texto era uma mulher, a crítica era feita a ela e não a sua obra, opinião ou conteúdo publicado. O que era tratado nas críticas era o fato da autoria ser feminina e esse fato era, preconceituosamente, visto como inferior e, por si só, determinante para a opinião final. Poucas eram as mulheres bem vistas pela crítica.

No decorrer da história da literatura, muitos autores utilizaram pseudônimos, prezando a sua identidade e privacidade, não querendo ter ideias e visões vinculadas ao seu nome. Como exemplo de autoras, temos a Jane Austen que assinava os seus livros como *A Lady* (Uma Senhora); as irmãs Brontë (Charlotte, Emily e Anne) publicaram seus livros com nomes masculinos e com um sobrenome diferente (Currer, Ellis e Acton Bell, respectivamente); Mary Shelley teve seu romance atribuído, pelos críticos, ao seu

marido Percy Shelley, por não ter indicação direta de autoria; e Maria Firmina dos Reis assinava seus livros como “uma maranhense” (COSTA, 2018).

Outro fator a ser considerado para a visibilidade da obra feminina são os gêneros hegemônicos da época em que o livro estava sendo publicado. Para as autoras terem um alcance considerável, era necessário que publicassem temas dominantes, levando em consideração o gênero predominante daquele período. Se publicassem histórias de gêneros que não estavam sendo comentados em massa pela mídia e público, seria ainda mais difícil serem reconhecidas e apreciadas.

Assim, a produção de autoria feminina era avaliada pela perspectiva do paradigma dominante e, conseqüentemente, era julgada como uma obra mal elaborada. Os críticos preferiam condená-las - provavelmente por não saberem lidar com esse tipo de texto literário - do que se deter para examinar outras formas de expressão diferentemente das eleitas. (ALVES, 1998, p. 240 *apud* FREITAS, 2021, p. 103)

A partir desse fato, vê-se que um dos casos em que a autoria feminina não teria tanto alcance é na literatura fantástica, visto que o gênero, em nenhum momento pôde ser considerado como literatura hegemônica.

2. A MULHER NA LITERATURA FANTÁSTICA

A literatura fantástica difundiu-se e popularizou-se no século XIX, mas sempre esteve interligada a outro gênero. Ela não exercia o papel de um gênero independente, era apenas um elemento na história. Como exemplo, no período do naturalismo brasileiro, final do século XIX, alguns autores interessavam-se em explorar o sobrenatural e, mesmo assim, se separaram em grupos menores – aqueles voltados para a escrita cientificista e outros com um caráter mais regional (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p. 26). Ou seja, quando o fantástico estava presente no meio literário, ele era fragmentado e fazia parte de um movimento maior. Para alguns autores, a fantasia não é considerada, por isso, um gênero e, sim, um “modo”.

[...] o fantástico surge de preferência considerado não como um gênero, mas como um “modo” literário, que teve raízes históricas precisas e se situou historicamente em alguns gêneros e subgêneros, mas que pôde ser utilizado - e continua a ser, com maior ou menor evidência e capacidade criativa - em obras pertencentes a gêneros muito diversos. (CESARANI, 2006, p. 12)

A forma como a fantasia se difundiu no mundo não se caracterizou como uma paradigma dominante, o que dificultava ainda mais o reconhecimento das autoras

fantásticas, que também era dificultado pelo predomínio dos homens na área, como enfatizado por Matangrano e Tavares (2019, p. 103): “Infelizmente, ainda assim, o mundo literário, e ainda mais aquele associado ao insólito, tem sido praticamente dominado pela voz autoral masculina, salvo por louváveis exceções.”

A fantasia não é algo muito bem delimitado, mas é muito discutida e questionada. Segundo Tzvetan Todorov (2007), o fantástico é determinado a partir da hesitação do leitor e do personagem quanto ao que é real e o que é imaginário ao tratar do sobrenatural. Com essa definição, haveria variantes: o “estranho”, que se refere a narrativa em que há uma explicativa lógica no final; e o “maravilhoso” em que o sobrenatural é aceito como verdade. Para o senso comum, Matangrano e Tavares (2019, p. 18) consideram que “é fantástica qualquer narrativa de façanhas inverossímeis que extrapolam as leis da física e da lógica, com explicação ou não”.

O meio fantástico, infelizmente, é uma área em que a mulher não tem tanto espaço de atuação e, se tem, não recebe o devido reconhecimento.

Um dos principais problemas de nossa tradição literária é a ausência de autoras, narradoras e protagonistas femininas. Não por não terem existido, ou não terem sido retratadas, mas devido a um constante apagamento da crítica e do mercado. (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p. 103)

Nomes como Emília Freitas, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira e Madame Chrysanthème tiveram sua contribuição para a literatura fantástica brasileira, mas não tiveram e não têm reconhecimento e nem destaque no meio literário, logo, são “lamentavelmente quase inacessíveis atualmente por falta de reedições” (MATANGRANO; TAVARES, 2019, p.55).

O problema continua nos dias atuais, visto, por exemplo, nos nomes utilizados pelas autoras para creditarem as suas obras. Victoria Elizabeth Schwab é autora de livros de fantasia como *Vilão* (2019), *A cidade dos fantasmas* (2021) e entre outros. Ela utiliza dois nomes para assinar seus livros: Victoria Schwab para os livros infantojuvenis e V. E. Schwab para os livros de fantasia para o público adulto. A utilização da abreviação pode ser vista como uma artimanha para esconder o nome feminino da obra para alcançar mais leitores. Como aconteceu com J. K. Rowling na década de 1990 no Reino Unido, que, por sugestão do seu editor, abreviou seu nome, porque achavam que um garoto não leria um livro de fantasia escrito por uma mulher (COSTA, 2018).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As limitações sociais impostas à mulher irradiam-se também para a arte e, no caso em questão, para a literatura. Como vimos, a inserção feminina torna-se ainda mais difícil considerando a literatura fantástica, um gênero não dominante no campo literário. Ainda, a popularização da literatura fantástica no século XIX coincide com o período de emergência da autoria feminina na literatura em geral e, conseqüentemente, do preconceito marcado que persiste até hoje, principalmente em um meio em que o masculino é mais reconhecido.

Mesmo com toda a dificuldade, as autoras lutaram e lutam pelo seu espaço na literatura e merecem destaque. Cabe questionar o porquê de essa realidade não ter mudado, mesmo com um cenário diferente e com o tema do gênero sendo mais discutido e defendido.

REFERÊNCIAS

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Curitiba: Editora UFPR, 2021.

COSTA, Camila. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC**. 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FREITAS, Naiana Pereira de. ANOTAÇÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DA ESCRITA DE AUTORIA FEMININA. **Inventário**, n.27, p. 96-117, fev. 2021.

MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéas. **Fantástico Brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo**. Curitiba: Arte & Letra, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.